

SALVANDO VIDAS NOS

Modêlo de uma organização de saúde

Como funcionava o «16th American Evacuation Hospital» Interrupto — Pessoal brasileiro e norte-americano

Instalou-se no Campo de Marzzio o «16 th American Evacuation Hospital of Pistóia». Limitava-o das vias públicas uma cerca de arame farpado, que atingia um metro de altura e contornava a periferia do acampamento. Era um hospital de capacidade média, e teria quantas enfermarias necessitas-se. As enfermarias de campanha se constituíam de barracas, erguidas sobre esteio de madeira e coberturas de lona, de 25 a 30 metros de comprimento, por 8 de largura. As lonas das barracas, absolutamente impermeáveis e com dupla cobertura nas partes superiores, a que os americanos denominavam de "fly". Os leitos eram catres feitos de pequenas peças de madeira e lona, resistente, leves, desmontáveis, e de fácil montagem, coisa ideal para campanha. As lonas das tendas eram a prova de água e neve, de 10 em 10 metros, as coberturas possuíam cavidades para dar passagem às chaminés das estufas. Durante o inverno, aqueles que estiveram nos hospitais americanos já-mais sentiram frio. As estufas possuíam dispositivos para regular o grau de aquecimento e consumiam 20 quilos de óleo por 12 horas. Eram três estufas para cada barraca. Muitas vezes as barracas estavam com dois palmos de neve sobre o teto, e o solo coberto de gelo e, entretanto, nunca se soube o que fôsse inverno. Os americanos queimaram milhões de dólares em toneladas de óleo a fim de dar calor e máximo conforto aos feridos. O acampamento possuía dois geradores elétricos, nunca faltou luz em qualquer barraca. Possuía uma formidável instalação de cabos com água corrente nas principais dependências e enfermarias. Havia banho quente ou frio, conforme a estação do ano.

Tôdas as dependências mais importantes como fôsem: Casa dos Ordens, Portaria, Sala de operações, Laboratório de Análises, Farmácia, Supply e outras dependências se achavam ligadas por li-

nhas telefônicas, não só internamente como também se podia ligar para o "P C" e "Q G" das tropas aliadas.

SERVICÓ ININTERRUPTO E EFICIENTE

Os americanos concebem que um serviço de saúde, quer em guerra, quer na paz, não pode paralisar, nem sofrer solução de continuidade na sua eficiência. Notável é o profundo respeito que os americanos têm pela individualidade humana e principalmente pelo dôr alheia. A procrastinação, o método do "deixa isso para amanhã"; é o maior ladrão do tempo. Faziam absoluta questão de que ninguém perdesse um segundo na marcha das atividades a fim de salvar existências. Nas organizações americanas, não existe a palavra "sobre-aviso". Aos americanos torna imprescindível que o homem esteja no seu posto de honra e do dever pronto para os imprevistos. Julgam que "sobre-aviso" facilita ao indivíduo fugir às suas responsabilidades e eximir-se ao dever.

A máquina era perfeita, não obstante a multiplicidade da organização, todas as dependências do hospital, a começar da cozinha funcionavam ininterruptamente durante as 24 horas do dia e da noite. Houvesse ou não serviços as equipes achavam-se a postos. Quer exame radiográfico, pesquisa laboratório, receituário, etc., seria imediatamente atendido, a qualquer hora do dia ou da noite. Tôdas as seções possuíam técnicos especializados, dirigidos por oficiais, em turma que se revezavam de 12 em 12 horas. O hospital estava apto a atender a todo qualquer exame, dentro daquilo que é expresso pela última palavra da ciência. Principalmente a sala de operações que possuía equipes cirúrgicas altamente conscientes de seu valor e pronta ação. É desnecessário encarecer quanto representa, por exemplo, um binete odontológico, com todos os requisitos modernos.

Chama a atenção, também, o fato que o hospital não cuidava somente circunstâncias diretamente advindas dos campos de batalha. Uma montagem de funcionamento de uma policia preventiva anti-venérea, era assegurada por uma equipe de autênticos técnicos. A modalidade de combate aos maldados degenerescentes que enfraquecem o homem. A campanha anti-venérea, feita através de cartazes afixados em localidades conquistadas "Be ware Venereal diseases".

A organização da máquina constituída de peças humanas era perfeita, as equipes de cirurgia, anestesia, todos os departamentos de farmácia, laboratório, radiologia e outras especialidades se substituíam e revezavam de 12 em 12 horas. As equipes davam o máximo sem que houvesse estafa, trabalhariam mais números

CAMPOS DE BATALHA

de norte-americana em campanha
em Pistóia — Organização eficiente e serviço inin-
ficano — Mortos e feridos em Monte Castelo

(Por uma ex-expedicionária brasileira)

horas em casos de circunstâncias especiais, por exemplo: deslocamento de acampamento. O homem trabalhava sem perder o bom humor, pois havia uma divisão de trabalho humana e racional.

O hospital possuía uma biblioteca. Havia uma dependência para jogos e diversões, completada com sala de estar, rádio, e projeções cinematográficas, destinadas não só aos enfermos, como também ao pessoal que se encontrava de folga. Artistas e exibicionistas de todas as especialidades e atrações de Hollywood, proporcionavam aos doentes momentos de satisfação, tão salutares às suas curas.

ALIMENTAÇÃO ABUNDANTE E RACIONAL

A alimentação dos acampamentos americanos era a mesma, tanto para oficiais como para praças, baseada em uma dietética científica, eclética e racional. O homem escalado de serviço percebia 4 refeições, a primeira às 7 horas da manhã, a segunda às 11, a terceira às 17 horas e a quarta e última às 24 horas.

Os pratos eram de fôlhas metálicas de 30x40 cms, com 6 divisões. A primeira refeição distribuída constava de creme de aveia — ovos fritos na manteiga — torresmos — café com leite vitaminado — pão e manteiga e tâmaras secas. As 11 horas a mesma quantidade de alimento da seguinte maneira: espagheti — arroz — bife — sôpa — pão e manteiga — salada de frutas em conserva. As 17 e 24 horas, outras refeições lutas e variadas com doces, queijo e conservas. Em plena guerra os americanos se davam ao luxo de transportar bananas e laranjas da África e Espanha para a Itália.

As cozinhas dispunham de fogões portáteis, de fornos para fabricação de pão. Aquêles fogões funcionavam com fogareiros gigantes, tendo por combustível gasolina a pressão. Em menos de 60 minutos, podia-se preparar uma refeição completa para alimentar uma divisão inteira.

PESSOAL BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO

Não havia nem deficiência de pessoal quanto ao número e capacidade técnica, nem tão pouco deficiência de material. As ordens eram dadas através de altos-falantes. Havia pela manhã um noticiário em inglês e em português, que era feito pelo primeiro sargento Plínio Moreira.

Eram chefes da Seção Brasileira em hospital americano os majores Ernesto Gomes de Oliveira e Ari Duarte Nunes. No «receiving officier» (ortaria), não faltavam nunca o médico, um aparelho de pressão arterial e um vidro contendo uma dúzia de termômetros no álcool. Era chefe da portaria o capitão William Parker. Entre os outros americanos trabalhavam os sargentos Bill, Brusci, Phillips, e os sargentos enfermeiros Illus Bacchi Naveira e o terceiro dito Orlando Siqueira de Carvalho.

Na portaria, eram confeccionadas fichas dactilográficas, com dados informativos do nome do soldado — Regimento — Batalhão — Divisão — Religião — Diagnóstico. Os feridos eram interrogados quanto a «Line of duty» (linha do dever), isto é, se o ferimento foi adquirido no posto de honra, se foi acidente, ou rixa com qualquer companheiro. Isto a fim de prevenir que um pseudo herói recebesse uma condecoração indevida.

Componentes do 1º Grupo de Saúde anexo ao 16 th American Evacuation Hospital: major médico Alfredo Monteiro e Alípio Correia Neto, capitães médicos: Edgardo Moutinho dos Reis, Codofredo da Costa Freitas, Breno da Cunha e Breno Mascarenhas. Enfermeiras: Virgínia Porto Carreiro, Berta de Moraes, Carmem Bebiana, Vanda Maresck, Maria Belém Landi, Sílvia Pereira Marques, Juggleide Doris de Castro. Primeiro tenente Valdomiro de Araújo, farmacêutico. Na função de sargenteante, o subtenente Severino Abdias de Araújo. Na secretaria, sargento Lises Correia. Manipuladores de P.X.: sargentos Francisco Soares, Dirceu Gonçalves de Sousa, Amaro Mota Lira e Carlos Ruffino Rabelo. Enfermeiro: César Tavares, Mário Pinto, Marc Nascimento Moderno, Doumriez do Nascimento Moderno. Na enfermaria de choque, os sargentos enfermeiros Enéias Moretti de Almeida e Renato Soares Baia. Na sala de operações: o subtenente Gabriel José da Costa e o sargento Otaviano Ferreira Dias.

Ponho em relêvo o nome do terceiro sargento José Dias, que tombou no posto de honra, quando em função no posto de neuro psiquiatria. E também Carlos Teixeira que, mais afortunado, trabalhou naquele posto e teve de enfrentar situações difíceis. Companheiros de campanha: Anatalício Ferreira Campos, Osvaldo Martins de Faria, Alfredo André de Faria, Artelino Borges dos Santos, Dimas Sabino da Silva e Sebastião Barbosa Coimbra. Cabo Arnaldo Torres Baia e soldado Lázaro Martins.

Podemos asseverar que na guerra não se tem funções bem definidas, o homem age de acordo com as próprias iniciativas e as circunstâncias nos momentos de perigo.

FOGO E SANGUE EM MONTE CASTELO

Foi no dia 29-XI-44, as primeiras horas, que o bombardeio de nossa artilharia iniciou uma tentativa para to-

mada do Monte Castelo, assegurando a progressão dos primeiro e décimo primeiro Regimento de Infantaria. Incansável, porém metódico, eram as atividades do Hospital, com as chegadas de ambulâncias.

Segundo a expressão de um subtenente, os mortos eram transportados em caminhões, empilhados como lenha. Num sumário balanço, verificara-se a entrada de 190 feridos brasileiros e outros tantos pertencentes a uma Divisão Judáica Americana. Muitos soldados, traziam os pulmões perfurados e como consequência apresentavam-se com hemoptise. Outros haviam perdido os pés e as pernas, por efeito das explosões de minas «booby traps» (armadilhas para bôbos). Outros vinham surdos, traziam as artérias rompidas, como consequência a otorragia haviam sido arremessados para longe devido à explosão de uma granada próxima, que motivara o deslocamento do ar.

As salas de operações, possuíam 15 mesas cirúrgicas operatórias, caixas cirúrgicas contavam-se às dúzias. Era chefe da clínica cirúrgica o major Lickstein. Entravam os feridos a operar no «operating room», e lá se reconstituíam tecidos, músculos, nervos e ossos esfacelados. Muitos séres que lá chegavam com vida daí a poucos instantes jaziam inertes. A sala de operações oferecia um quadro deveras tétrico, tal era a profusão de sangue, gazes e material usado em minorar os sofrimentos dos que chegavam. Não seria força de expressão comparar a sala de operações a uma vasta salsicharia humana.

O hospital dispunha de 300 ambulâncias, 50 caminhões gigantes, 50 «Dodges», 50 «Jeeps», e outras viaturas. Equipes de radiologistas laboratoristas, farmacêuticos «nurses», equipes de clínicos, cirurgiões, cirurgiões dentistas, telefonistas, eletricitas, mecânicos, carpinteiros, serralheiros cozinheiros, enfim, técnicos de todas as especialidades.

Eis aí, rápidas pinceladas, uma vaga idéia do «16 th American Evacuation Hospital of Pistóia».